

METÁFORAS DO SAGRADO: UMA JORNADA COGNITIVA PELAS EXPRESSÕES DO CANDOMBLÉ

Viviane Alves Caldas¹

Leonardo Jovelino Almeida de Lima²

RESUMO: Este trabalho, de cunho ensaístico, tem como objetivo discutir a construção e o papel das metáforas conceituais em expressões utilizadas nos terreiros de Candomblé. Para isso, realizamos, *a priori*, um percurso histórico da metáfora, que atualmente se concentra nos estudos da Linguística Cognitiva. Em seguida, discutimos o mapeamento de metáforas conceituais em expressões como "tomar ebó", "estar queimado", "pagar obrigação", "fazer uma limpeza", "estar virado" e "estar carregado", usadas na religião candomblecista, enfatizando sua importância para a compreensão da linguagem, cultura e espiritualidade afro-brasileira. Assim, as metáforas aqui discutidas não apenas descrevem, mas também moldam a realidade dos praticantes, guiando suas ações, rituais e percepções, permitindo que eles mergulhem em suas próprias experiências subjetivas e desvendem diferentes camadas de significado.

Palavras-chave: Candomblé. Metáforas. Expressões.

METAPHORS OF THE SACRED: A COGNITIVE JOURNEY THROUGH THE EXPRESSIONS OF CANDOMBLÉ

ABSTRACT: This essay aims to discuss the construction and role of conceptual metaphors in expressions used in Candomblé houses. To this end, we begin with a historical overview of metaphor, which culminates in current studies in Cognitive Linguistics. We then explore conceptual metaphors in expressions such as "tomar ebó", "estar queimado", "pagar obrigação", "fazer uma limpeza", "estar virado", and "estar carregado", used by Candomblé practitioners. These expressions are emphasized for their importance in understanding Afro-Brazilian language, culture, and spirituality. Thus, the metaphors discussed here not only describe but also shape the reality of practitioners, guiding their actions, rituals, and perceptions. Moreover, these metaphors allow practitioners to immerse themselves in their own subjective experiences and reveal different layers of meaning.

Keywords: Candomblé. Metaphors. Expressions.

¹ Doutoranda em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0180-7079>. E-mail: teachervivacaldas@gmail.com.

² Doutorando em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9299-3182>. E-mail: leolimamat@hotmail.com.

Considerações iniciais

A metáfora desempenha um papel central na comunicação humana, sendo uma ferramenta crucial para expressar ideias complexas e abstratas por meio de conceitos mais familiares e concretos. Desde a Antiguidade, a metáfora tem sido objeto de estudo e análise, evoluindo através das diversas escolas de pensamento linguístico.

Pelo viés da Linguística Cognitiva, a metáfora é vista não apenas como uma figura de linguagem, mas como um mecanismo fundamental do pensamento humano, estruturando nossa percepção e compreensão do mundo (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Essa abordagem cognitiva da metáfora foi popularizada pelos trabalhos de George Lakoff e Mark Johnson, que argumentam que "[a] metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação" (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45), e sugerem que grande parte de nosso pensamento é metafórico por natureza. Dessa forma, a percepção da nossa realidade depende da visão metafórica que assumimos para melhor conceptualizar e compreender o mundo.

A título de exemplificação, e considerando as intenções do presente trabalho, pensemos em como, no âmbito da religiosidade, a nossa visão metafórica desempenha papel fundamental. Quando ouvimos alguém falar “Ele tem fé em Oxalá”, notamos como a nossa compreensão depende da associação do conceito de fé com algum outro conceito que pode ser considerado mais concreto e/ou familiar. Afinal, a noção de fé, por ser imaterial e impalpável, é altamente abstrata. Portanto, o sentido da frase mencionada é amparado pela ideia de que fé é algo que alguém possui (“Ele tem...”), estabelecendo, assim, a metáfora conceptual FÉ É OBJETO DE POSSE, nos moldes de Lakoff e Johnson (1980). Perceber a FÉ por meio dessa metáfora conceptual facilita a compreensão desse conceito abstrato, tendo em vista o próprio caráter concreto e mais familiar da noção de OBJETO DE POSSE.

Para melhor explorarmos a nossa visão metafórica no campo da religiosidade, este trabalho, de cunho ensaístico, objetiva discutir sobre a construção e o papel das metáforas conceptuais em expressões utilizadas em terreiros de Candomblé do Brasil, tais como "tomar ebó", "estar queimado", "pagar obrigação", "fazer uma limpeza", "estar virado" e "estar carregado". Essas expressões, dotadas de significados culturais e espirituais, exemplificam como as metáforas não apenas refletem, mas também moldam, a experiência cultural e religiosa dos praticantes do Candomblé. Segundo Abreu (1999), as expressões metafóricas no

Candomblé são profundamente enraizadas nas práticas rituais e nas experiências de vida dos iniciados.

Compreender as metáforas conceituais no contexto do Candomblé é fundamental para entender como essa religião utiliza a linguagem para expressar conceitos complexos de espiritualidade, identidade e comunidade, pois elas comunicam ideias práticas e espirituais, além de carregarem uma profundidade cultural que reflete a história e a resistência da diáspora africana no Brasil. A Linguística Cognitiva oferece uma lente através da qual podemos entender como essas metáforas são formadas, interpretadas e utilizadas na prática cotidiana dos terreiros.

Ademais, o entendimento dessas expressões no contexto da Linguística Cognitiva permite uma valorização e um reconhecimento das contribuições culturais do Candomblé para a linguagem e a cultura brasileira. Conforme apontam Moraes e Silva (2005), as metáforas são vitais para a manutenção e transmissão de valores culturais, especialmente em comunidades onde a tradição oral é predominante. Ao explorar as metáforas dentro desse contexto específico, o trabalho destaca a universalidade e a diversidade das metáforas como ferramentas cognitivas, ao mesmo tempo em que honra a singularidade cultural das tradições afro-brasileiras.

Ao longo deste trabalho, pretendemos explorar o percurso histórico da metáfora na Linguística Cognitiva, destacando como as teorias sobre metáforas se desenvolveram e evoluíram ao longo do tempo. Ademais, buscamos mostrar a riqueza e a profundidade das metáforas utilizadas no Candomblé, enfatizando sua importância para a compreensão da linguagem, da cultura e da espiritualidade afro-brasileira.

O Candomblé: uma religião de resistência e identidade

O Candomblé é uma religião afro-brasileira que se originou durante o período colonial, quando africanos escravizados foram trazidos para o Brasil. Esses africanos, provenientes principalmente da África Ocidental, trouxeram crenças e práticas religiosas, que gradualmente se amalgamaram em um sistema espiritual coeso conhecido como Candomblé. Segundo Prandi (2005), o Candomblé é um dos mais expressivos exemplos da resistência cultural afro-brasileira, tendo sobrevivido à escravidão e à repressão religiosa.

A formação do Candomblé no Brasil foi um processo complexo e resiliente, marcado pela resistência cultural e pela preservação de tradições ancestrais em meio à opressão. Conforme Abreu (1999), o Candomblé e a linguagem dos orixás representam não apenas um refúgio espiritual, mas também uma forma de resistência cultural contra a imposição religiosa

dos colonizadores. Nos terreiros de Candomblé, os africanos e seus descendentes encontraram um espaço para praticar sua fé, mantendo vivos os laços com suas origens. “Os terreiros se tornaram ilhas de memória africana, onde a língua, a música e a dança serviam de elo com a terra natal” (PRANDI, 2005, p. 74).

Em meio a essa resistência cultural, os orixás desempenham um papel central. Divindades cultuadas no Candomblé, eles são intermediários entre os humanos e o ser supremo, conhecido como *Olorum* ou *Olodumare*. Cada orixá está associado a um ou mais elementos da natureza e a características específicas, como Oxum, deusa das águas doces e do amor, e Xangô, deus do trovão e da justiça. Essas divindades são reverenciadas através de rituais elaborados, danças, cânticos e oferendas, que visam estabelecer uma conexão profunda entre os praticantes e as forças espirituais que regem o universo. Como descreve Verger (1992), os rituais do Candomblé são um espetáculo de fé e cultura, onde o sagrado se manifesta através do corpo e da música.

O Candomblé se desenvolveu de maneira notável ao longo dos séculos. Inicialmente praticado de forma clandestina devido à repressão religiosa e cultural, a religião gradualmente ganhou visibilidade e respeito. Moraes e Silva (2005) destacam que a tradição oral no Candomblé é fundamental para a transmissão do conhecimento religioso e para a manutenção das práticas culturais. Essa tradição oral é rica em histórias, mitos e ensinamentos que são passados de geração em geração, garantindo a continuidade da fé e das práticas religiosas. Conforme Bastide (2001), a oralidade no Candomblé é um elemento vital, pois preserva a memória e a identidade da comunidade.

Com o tempo, o Candomblé se espalhou por todo o Brasil, ganhando adeptos e se estabelecendo como uma religião respeitada e influente. Nos dias de hoje, o Candomblé é praticado em diversas regiões do país e seus terreiros são espaços de celebração cultural e espiritual. A religião também tem desempenhado um papel importante na afirmação da identidade afro-brasileira, promovendo o orgulho das raízes africanas e combatendo o preconceito racial. Prandi (2005) observa que o Candomblé, além de ser uma expressão religiosa, é um movimento de resistência e afirmação da negritude no Brasil.

O reconhecimento do Candomblé como uma religião legítima e sua influência na cultura brasileira são evidentes. Como observa Abreu (1999), a linguagem e as práticas do Candomblé não são apenas aspectos de uma fé, mas elementos vivos de uma herança cultural que enriquece a diversidade do Brasil.

Considerando a diversidade metafórica que permeia o Candomblé, torna-se essencial mergulhar nas definições e teorias sobre metáforas para entender como a linguagem e a cultura se entrelaçam nesse contexto. Ao explorar as abordagens da Linguística Cognitiva, é possível desvendar os profundos significados e nuances que essas metáforas carregam, iluminando a relação intrínseca entre expressão linguística e identidade cultural.

Definições e teorias sobre metáforas: da perspectiva clássica à Linguística Cognitiva

A metáfora, desde os tempos antigos, tem sido uma figura central na retórica e na filosofia. Aristóteles teria sido um dos primeiros a formalizar o estudo das metáforas. Em sua obra *Poética*, ele define a metáfora como “a aplicação de um nome de uma coisa a outra” (ARISTÓTELES, 1996, p. 1457b). Para Aristóteles, a metáfora era um ornamento da linguagem, uma forma de embelezar o discurso e tornar a comunicação mais eficaz. Ele acreditava que as metáforas possuíam a capacidade de revelar conexões ocultas entre diferentes elementos, permitindo uma compreensão mais profunda da realidade.

No entanto, ao longo dos séculos, a visão de Aristóteles foi expandida e contestada por diversos estudiosos. I.A. Richards (1936), no início do século XX, propôs a teoria da "interação", na qual a metáfora é vista como uma interação entre o "tenor" (o conceito principal) e o "veículo" (a imagem que carrega o significado). Richards destacou que a metáfora não é apenas uma questão de substituição de palavras, mas sim de criação de novos significados através da interação entre os termos.

Ainda no século XX, o filósofo Max Black desenvolveu uma teoria interativa da metáfora, que marcou um avanço significativo no entendimento dessa figura de linguagem. Para Black (1962), uma metáfora cria um sistema de implicações, onde o "veículo" (o termo metafórico) e o "tenor" (o termo que está sendo descrito) interagem de maneira complexa. Segundo ele, a metáfora não era também apenas uma substituição de palavras, mas um processo pelo qual um conceito ilumina e reorganiza nosso entendimento de outro. Essa interação gera novos significados que não seriam possíveis através de uma linguagem literal.

Black (1962) também destacou que as metáforas são essenciais para a ciência e a filosofia, pois permitem a formulação de novas teorias e a exploração de conceitos abstratos. Ele sugeriu que o pensamento metafórico é uma ferramenta cognitiva fundamental que nos ajuda a transcender limitações linguísticas e a expandir nossa compreensão do mundo.

A grande mudança de paradigma no estudo das metáforas veio com a Linguística Cognitiva. George Lakoff e Mark Johnson, em sua obra seminal *Metaphors We Live By* (1980), argumentaram que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, mas um mecanismo fundamental do pensamento humano. Eles propuseram que “Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

Segundo Lakoff e Johnson (1980), as metáforas estruturam não apenas a linguagem, mas também a nossa percepção, o pensamento e a ação. Eles introduziram o conceito de metáforas conceituais, que são sistemas de metáforas subjacentes que moldam nossa maneira de compreender o mundo. Por exemplo, a metáfora TEMPO É DINHEIRO reflete como falamos e pensamos sobre o tempo em termos de um recurso valioso (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Ampliando essa perspectiva, Charles Forceville se tornou uma figura de destaque nos estudos de metáfora multimodal, explorando como metáforas se manifestam não apenas na linguagem verbal, mas também em imagens, filmes, música e outros meios de comunicação. Em sua obra, *Pictorial Metaphor in Advertising*, Forceville (1996) argumenta que metáforas pictóricas são uma poderosa ferramenta de persuasão, moldando a maneira como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. Ele analisa como anúncios publicitários usam imagens metafóricas para transmitir mensagens complexas de maneira rápida e eficaz.

O impacto das teorias da Linguística Cognitiva foi profundo, influenciando não apenas a Linguística, mas também a psicologia, a filosofia e a ciência cognitiva. Segundo Kövecses (2010), as metáforas conceituais proporcionam um arcabouço para entender como a linguagem e o pensamento estão interligados e como nossa experiência é estruturada. (KOVECSES, 2010).

Kövecses (2010) também explora como as metáforas não são apenas figuras de linguagem decorativas, mas elementos fundamentais que moldam nosso entendimento do mundo. Ele argumenta que muitas das nossas categorias mentais e conceitos abstratos são compreendidos através de metáforas baseadas em nossas experiências corporais e interações com o ambiente. Metáforas como TEMPO É DINHEIRO ou ARGUMENTO É GUERRA revelam como nossas experiências concretas influenciam a maneira como conceptualizamos e nos comunicamos sobre aspectos mais abstratos da vida. Os trabalhos de Kövecses, portanto, têm sido essenciais para mostrar que a metáfora é uma ferramenta cognitiva central, profundamente enraizada na experiência humana e crucial para a estruturação do pensamento e da linguagem.

Assim sendo, ao compreender a profundidade e a amplitude das metáforas, podemos apreciar melhor como elas moldam nossa percepção e comunicação. As metáforas, seja na

linguagem verbal ou multimodal, são ferramentas poderosas que estruturam nosso pensamento e revelam as complexidades da experiência humana. Essa compreensão profunda da função das metáforas nos leva a explorar suas aplicações práticas na vida diária.

Aplicação das Teorias na Linguagem Cotidiana: metáforas no Candomblé

As teorias de metáfora conceptual têm aplicações vastas na análise da linguagem cotidiana. Elas ajudam a explicar como expressões comuns são usadas para transmitir significados complexos e como essas expressões são enraizadas em nossas experiências culturais e físicas. Por exemplo, a expressão "tomar uma decisão" usa a metáfora de DECISÃO É UM OBJETO FÍSICO que pode ser "tomado". Outra expressão como "superar um problema" utiliza a metáfora de PROBLEMAS SÃO OBSTÁCULOS FÍSICOS que podem ser "superados" (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Em contextos culturais específicos, como os terreiros de Candomblé, metáforas baseadas em expressões como "tomar ebó", "estar queimado", "pagar obrigação", "fazer uma limpeza", "estar virado", e "estar carregado" não apenas comunicam significados espirituais, mas também refletem as práticas e crenças da comunidade. Essas expressões, segundo Abreu (1999), mostram como as metáforas conceptuais são moldadas por contextos culturais específicos e como elas podem ser estudadas para entender melhor a relação entre linguagem, cultura e cognição.

Para dar continuidade a essa discussão, é essencial compreender os conceitos fundamentais de metáfora conceptual, que incluem:

1. **Domínio Fonte e Domínio Alvo:** Na metáfora conceptual, um domínio fonte (o conceito concreto e familiar) é usado para compreender um domínio alvo (o conceito abstrato). Por exemplo, na metáfora TEMPO É DINHEIRO, DINHEIRO é o domínio fonte, e TEMPO é o domínio alvo (LAKOFF; JOHNSON, 1980).
2. **Mapeamento Metafórico:** O mapeamento metafórico é o processo pelo qual as características do domínio fonte são projetadas sobre o domínio alvo. Este mapeamento não é aleatório, mas sistemático e culturalmente condicionado. Por exemplo, a ideia de "investir tempo" segue o mapeamento no qual o tempo é visto como um recurso que pode ser gasto, economizado ou desperdiçado (LAKOFF; JOHNSON, 1980).
3. **Sistemas de Metáforas:** Metáforas conceptuais não existem isoladamente, mas formam sistemas interconectados que estruturam nosso pensamento. A metáfora TEMPO É

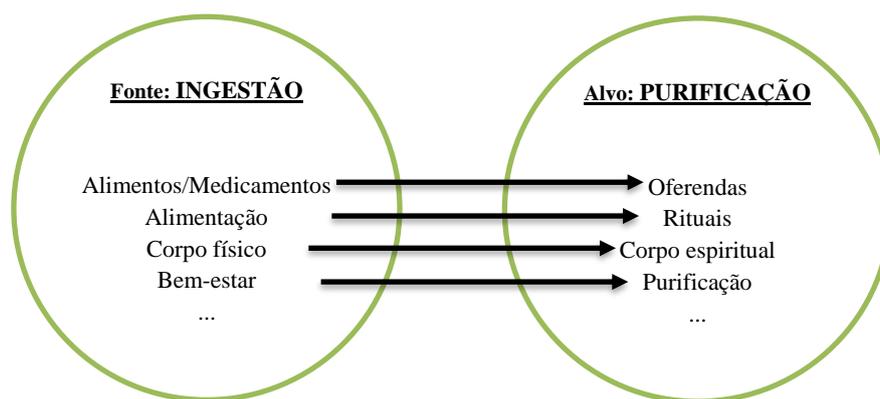
DINHEIRO está relacionada a outras metáforas como A VIDA É UMA JORNADA e PENSAMENTO É MOVIMENTO, criando um sistema coerente de como entendemos nossas experiências (KÖVECSES, 2010, p. 35).

As metáforas são moldadas pela cultura e refletem as experiências, crenças e práticas de uma comunidade. No caso do Candomblé, uma religião afro-brasileira rica em simbolismo e tradição oral, as expressões metafóricas desempenham um papel fundamental na comunicação e na prática religiosa. De acordo com Lakoff e Johnson (1980), as metáforas conceptuais estruturam não apenas a linguagem, mas também a percepção e a ação humana.

As expressões metafóricas utilizadas nos terreiros de Candomblé, por exemplo, são ricas em significados culturais, espirituais e refletem as práticas e crenças dos adeptos dessa religião afro-brasileira. A seguir, são explicadas algumas dessas expressões, destacando seus significados e contextos de uso.

Tomar ebó - A expressão "tomar ebó" é um exemplo claro de como uma metáfora pode refletir práticas culturais e espirituais específicas. No Candomblé, "tomar ebó" refere-se a um ritual de limpeza espiritual e proteção, no qual os praticantes realizam oferendas e rituais para afastar energias negativas e atrair bênçãos.

Figura 1: Metáfora PURIFICAÇÃO É INGESTÃO



Fonte: autores (2024)

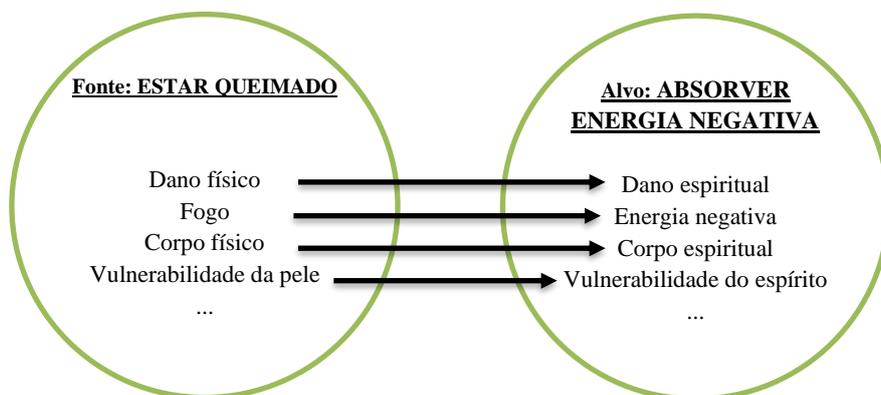
Conforme podemos observar na figura 1, a metáfora conceptual subjacente na expressão "tomar ebó" pode ser entendida como PURIFICAÇÃO É INGESTÃO. Assim como ingerimos alimentos ou medicamentos para purificar e fortificar nosso corpo físico, "tomar ebó" implica um processo de ingestão simbólica que purifica o espírito. Segundo a teoria de Lakoff e Johnson (1980), essa metáfora conceptual se baseia em experiências corporais comuns, como a ingestão de substâncias que melhoram nossa saúde.

No entanto, no contexto do Candomblé, essa metáfora é enriquecida por práticas culturais específicas, como os rituais de oferendas e a crença em entidades espirituais que interagem diretamente com os praticantes. Abreu (1999, p. 112) observa que “as oferendas e rituais de *ebó* são profundamente enraizados na cosmologia do Candomblé, onde o mundo espiritual e o mundo físico estão intrinsecamente ligados”.

Estar queimado - A expressão "estar queimado", no Candomblé, refere-se a alguém que absorveu energias negativas e está enfrentando dificuldades espirituais e sociais. Essa metáfora pode ser entendida através do mapeamento conceptual ABSORVER ENERGIA NEGATIVA É ESTAR QUEIMADO. A imagem de "estar queimado" evoca a perda de proteção e a exposição a danos, semelhante a uma queimadura física que deixa a pele vulnerável.

De acordo com o que podemos observar na figura 2, essa metáfora se baseia em experiências físicas de dor e vulnerabilidade, mas é adaptada para expressar um estado espiritual. Kövecses (2010) sugere que metáforas de estados emocionais e espirituais frequentemente derivam de experiências corporais intensas e universais, como dor e dano físico.

Figura 2: Metáfora ABSORVER ENERGIA NEGATIVA É SER QUEIMADO



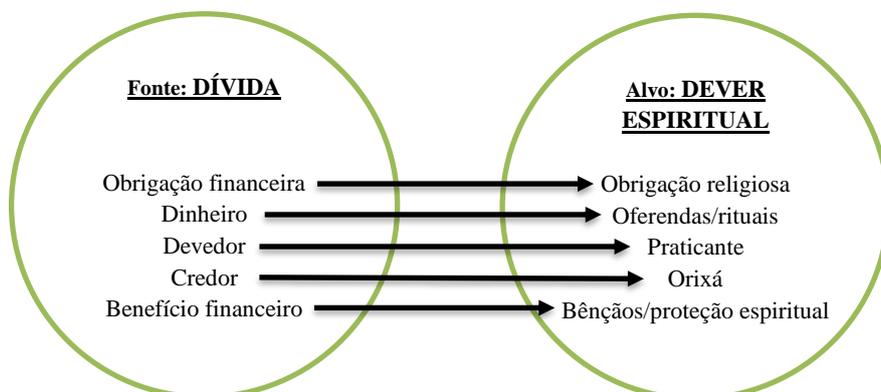
Fonte: autores (2024)

No Candomblé, a expressão "estar queimado" comunica mais do que um estado emocional; ela indica uma condição espiritual que afeta todas as áreas da vida do indivíduo, refletindo a crença na interconexão entre o espiritual e o físico.

Pagar obrigação - A expressão "pagar obrigação" no Candomblé refere-se ao cumprimento de deveres religiosos, como oferendas e rituais específicos, feitos de tempos em tempos após a iniciação na religião, e que são necessários para manter o equilíbrio espiritual e a proteção dos orixás. A metáfora subjacente aqui é DEVER ESPIRITUAL É DÍVIDA e CUMPRIR

DEVERES É PAGAR. Essas metáforas conceituais estruturam a prática religiosa como uma série de transações que os praticantes "pagam" para receber bênçãos e proteção.

Figura 3: Metáfora DEVER ESPIRITUAL É DÍVIDA

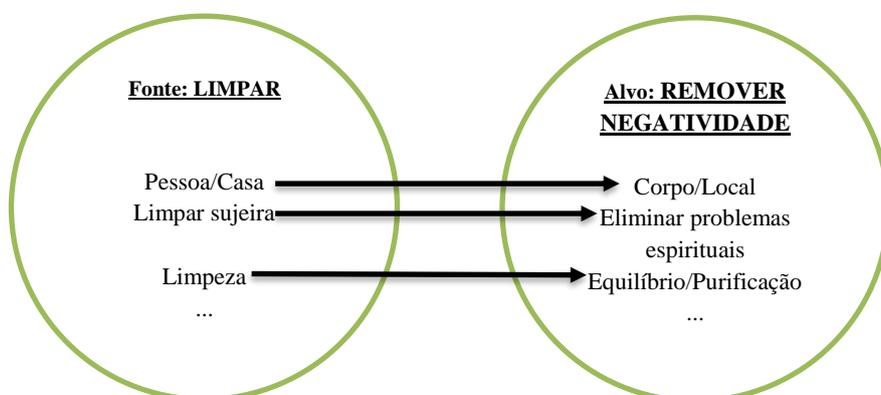


Fonte: autores (2024)

No contexto do Candomblé, a prática de "pagar obrigação" reflete uma visão de reciprocidade e interdependência entre os seres humanos e as divindades. Moraes e Silva (2005, p. 78) afirmam que “as obrigações rituais no Candomblé são vistas como investimentos espirituais, onde o retorno é a manutenção do equilíbrio e da harmonia com o mundo espiritual”.

Fazer uma limpeza - "Fazer uma limpeza" é uma expressão utilizada para descrever rituais destinados a remover energias negativas e purificar um determinado ambiente ou uma pessoa.

Figura 4: Metáfora REMOVER NEGATIVIDADE É LIMPAR



Fonte: autores (2024)

Conforme podemos ver no mapeamento da figura 4, a metáfora subjacente é REMOVER NEGATIVIDADE É LIMPAR. Assim, como limpamos uma casa para remover sujeira e tornar o

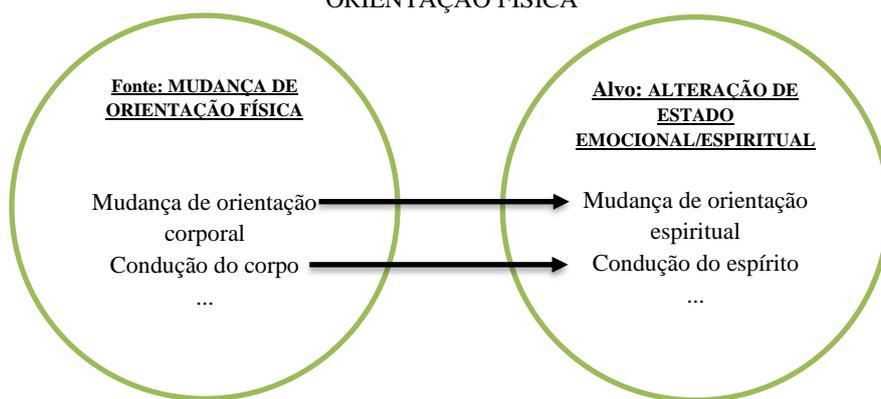
ambiente saudável, "fazer uma limpeza" no contexto espiritual envolve rituais que removem influências negativas e restauram o equilíbrio espiritual de um local ou pessoa.

No contexto, vemos como essa metáfora baseia-se em uma experiência concreta e cotidiana (limpeza física) para explicar um processo abstrato e espiritual (purificação). Como Kövecses (2010) aponta, as metáforas frequentemente derivam de atividades cotidianas para facilitar a compreensão de conceitos abstratos.

No Candomblé, os rituais de limpeza são essenciais para manter a harmonia e a proteção espiritual, refletindo a importância da pureza e da renovação tanto no mundo físico quanto no espiritual.

Estar virado - "Estar virado" descreve uma pessoa que está sob a influência de espíritos ou divindades, como orixás. A metáfora "virado" sugere uma mudança de estado ou condição, indicando que a pessoa não está em seu estado normal. Esse termo é frequentemente usado para descrever alguém que está incorporado devido a uma influência espiritual. A metáfora subjacente aqui pode ser compreendida como ALTERAÇÃO DE ESTADO EMOCIONAL/ESPIRITUAL É MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO FÍSICA, conforme podemos ver na figura 5.

Figura 5: Metáfora ALTERAÇÃO DE ESTADO EMOCIONAL/ESPIRITUAL É MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO FÍSICA



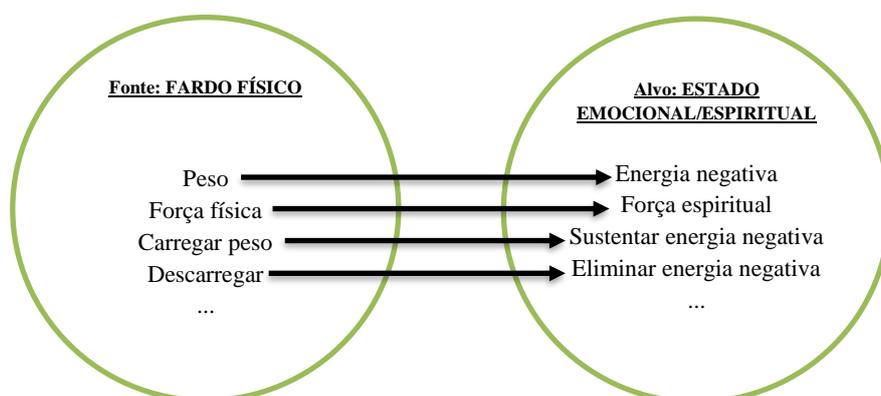
Fonte: autores (2024)

Essa metáfora conceptualiza a mudança de estado físico ou emocional como uma "virada". Segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 136), as metáforas de mudança de estado são comuns e refletem como percebemos transformações internas e externas.

No Candomblé, "estar virado" não apenas descreve um estado de incorporação, mas também implica uma profunda conexão com o mundo espiritual, onde a pessoa pode estar recebendo mensagens ou influências diretas dos orixás.

Estar Carregado - "Estar carregado" é uma expressão usada para descrever alguém que está sobrecarregado de energias negativas ou influências espirituais pesadas. A metáfora "carregado" sugere que a pessoa está transportando um peso espiritual que afeta seu bem-estar, visto que "estar carregado" pode ser entendido como ESTADO EMOCIONAL OU ESPIRITUAL NEGATIVO É UM FARDO FÍSICO. No Candomblé, rituais específicos são realizados para "descarregar" essas energias e restaurar o equilíbrio da pessoa.

Figura 6: Metáfora ESTADO EMOCIONAL OU ESPIRITUAL NEGATIVO É UM FARDO FÍSICO



Fonte: autores (2024)

Essa metáfora conceptualiza o estado emocional ou espiritual negativo como um fardo físico. De acordo com Kövecses (2010, p. 102), as metáforas de carga são comuns em diversas culturas, pois refletem a experiência universal de carregar pesos. No Candomblé, "estar carregado" implica que a pessoa precisa de intervenção espiritual para aliviar essas cargas e retornar a um estado de equilíbrio e bem-estar.

As expressões do Candomblé, como as aqui discutidas, exemplificam como as metáforas conceptuais estruturam a compreensão de experiências espirituais e culturais. Em outras palavras, as elas refletem a interconexão entre o mundo espiritual e o físico, moldando a prática religiosa e a interação com os orixás. As metáforas não apenas comunicam significados, mas também moldam a percepção e a ação dos praticantes, estruturando a forma como entendem e interagem com o mundo espiritual.

O ambiente dos terreiros e as práticas do Candomblé influenciam diretamente a criação e a interpretação dessas metáforas. Os terreiros, com seus altares, oferendas e rituais, fornecem um contexto rico para a metáfora, onde os significados espirituais são constantemente reforçados e perpetuados. As práticas religiosas, através de rituais repetitivos e da tradição oral,

mantêm vivas essas expressões metafóricas, garantindo que a sabedoria e os ensinamentos espirituais sejam passados de geração em geração.

Considerações finais

Através deste estudo, percebe-se como as metáforas transcendem meras figuras de linguagem, revelando-se como poderosos veículos de significação e entendimento. As expressões "tomar ebó", "estar queimado", "pagar obrigação", "fazer uma limpeza", "estar virado", e "estar carregado" são mais do que simples palavras; são pontes entre o mundo tangível e o espiritual, reflexos das vivências, crenças e resistências de uma comunidade rica em tradição e sabedoria.

Assim como os praticantes de Candomblé navegam entre o material e o imaterial, as presentes considerações revelam como as metáforas estruturam e são estruturadas pelo contexto cultural e religioso. As metáforas não apenas descrevem, mas também moldam a realidade dos praticantes, guiando ações, rituais e percepções, o que permite imergir na experiência subjetiva dos praticantes e desvendar camadas de significado.

Este estudo não apenas enriquece o entendimento da Linguística Cognitiva, mas também destaca a importância de respeitar e valorizar as expressões culturais em suas formas mais autênticas. Ao reconhecer o poder das metáforas no Candomblé, é viável celebrar a resiliência e a riqueza cultural de uma tradição que continua a iluminar caminhos através de suas palavras e rituais.

Confiamos que esta investigação possa inspirar futuras pesquisas a continuar explorando as interseções entre linguagem, cultura e cognição, sempre com um olhar atento para as vozes que, como as dos terreiros de Candomblé, carregam histórias de resistência, sabedoria e transcendência.

Referências

ABREU, M. *O Candomblé e a Linguagem dos Orixás*. São Paulo: Edusp, 1999.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Martin Claret, 1996.

BASTIDE, R. *O Candomblé da Bahia: Rito Nagô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BLACK, M. *Models and Metaphors*. Ithaca: Cornell University Press, 1962.

CRESWELL, J. W. *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches*. 3. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2013.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FORCEVILLE, C. *Pictorial Metaphor in Advertising*. London: Routledge, 1996.

KÖVECSESES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. 2nd edition. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; S. Paulo: EDUC, 2002.

MORAES, S.; SILVA, R. *Tradição Oral e Metáfora no Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RICHARDS, I. A. *The Philosophy of Rhetoric*. New York: Oxford University Press, 1936.

VERGER, P. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Corrupio, 1992.

Recebido em: 23/09/2024

Aceito em: 22/01/2025.